

Capacete lusitanico de pennachos

O geographo Estrabão, que vivia em Roma no tempo do imperador Augusto, diz que alguns raros povos da Lusitania usavam de capacetes com tres pennachos: *σπάνιοι . . χρώνται . . τριλοφίαις*¹.

O historiador Diodoro Siculo, outro contemporaneo de Augusto, attribue aos Lusitanos capacetes semelhantes aos dos Celtiberos: *κράνη . . παραπλήσια Κελτίβηρσιν*². Que especie de capacetes eram estes, vemos lo nós do texto em que fala dos Celtiberos: *περι δὲ τὰς κεφαλὰς κράνη χαλκᾷ περιτιθένται φοινικίς ἡσκημένα λόφοις*; i. é, «trazem na cabeça capacetes de bronze enfeitados com pennachos côr de purpura»³.

Portanto as noticias ministradas a este respeito pelos dois autores concordam entre si.

Interessante será saber que pelo estudo da Archeologia as podemos confirmar.

Entre as moedas da familia Carisia ha uma, bastante curiosa, cunhada por Publio Carisio, legado de Augusto e pro-pretor na Hispania, o reverso da qual é o seguinte: P(ublius) C(arisius) LEG(atus) PROP(R)A(ctor); no campo allusões á ethnographia ibérica: um elmo (com dois pennachos e viseira); á direita do elmo uma espada curta ou um *pugio*; á esquerda uma *bipennis*.—Para maior clareza, reproduzo aqui o desenho d'este reverso, conforme vem na obra do Sr. Babelon⁴ (vid. fig. 1.^a). Do elmo em especial diz o mesmo autor: «ce casque devait envelopper toute la tête et couvrir le visage dont il imite grossièrement la forme»⁵. Tal particularidade parece estar tambem assinalada nas palavras de Dio-



Fig. 1.^a

¹ *Geographia*, III, III, 6.—Estrabão especifica *σπάνιοι* «raros», pois que outros, por exemplo, os Lusitanos do N. de Trás-os-Montes, usavam capacetes lisos, como se vê da notabilissima, embora rude, estatua do guerreiro de Capelludos, que tornei conhecida n-*O Archeologo*, VII, 24-25, e que existe no Museu Ethnologico.

² *Bibliotheca Historica*, v, 34.

³ *Bibl. Hist.*, v, 33.

⁴ *Monnaies de la république romaine*, t. I (1885), p. 320, n.º 21.—Cfr. tambem Benndorf nas *Denkschriften der Kaiserl. Akademie der Wissenschaften*, de Vienna (Philosoph.-hist. Classe), vol. XXVIII (1878), p. 359, onde cita Borghesi, *Osservazioni Numismatiche*, XXVII, 9 (*Œuvres*, II, 333 sqq.). É notavel que, reproduzindo Benndorf, segundo Borghesi, um texto de Diodoro Siculo em que este falla dos capacetes de bronze dos Celtas (Galliae), *Bibl. Hist.*, v, 30, não reproduzisse aquelle em que precisamente Diodoro falla dos capacetes dos Celtiberos e dos Lusitanos.

⁵ *Ob. cit.*, p. 318.

doro referidas a cima: *περι . . τὰς κεφαλὰς . . περιτιθενται*. Quanto ao texto de Estrabão, ha leve differença entre elle e o reverso da moeda: ao passo que nesta o elmo figura com dois pennachos, a não ser que quisessemos ver mais um na saliencia mediana (que creio ser mera argola ou botão de segurança), o geographo fala claramente de tres, *τριλοφίαις*; mas isto não tem nenhum valor como objecção ao parallelo que estabeleço, pois ou podia haver divergencias locais no ornato dos pennachos, ou, o que é mais provavel, o artista romano que gravou a moeda não foi ethnographicamente exacto.

Se o elmo que, segundo um hábito muito em voga na cunhagem das moedas da republica romana, allude provavelmente aos feitos militares praticados por Publio Carisio nos Astures e nos Cantabros¹, e por conseguinte ás armaduras d'esses povos, elle pôde convir tambem aos Lusitanos, em vista dos textos que produzi de Estrabão e de Diodoro. Alem d'isso, na concepção geographica de alguns AA. antigos, a que Estrabão allude², os Astures confinavam com os Lusitanos; em todo o caso uns eram vizinhos dos outros, e isto justifica que houvesse parallelismo nos respectivos costumes.

*

Seja-me permittido estabelecer mais um confronto.

Numas interessantissimas folhas de ouro pre-romanas que estão no



Fig. 2.^a

Museu do Louvre, e que consta appareceram em Cáceres (Lusitania Hespanhola), figuram varios guerreiros, uns a pé, outros a cavallo, nas cabeças de alguns dos quaes se observam triplices pennachos. Estas folhas foram estudadas pelos Srs. Schlumberger³, Cartailhac⁴ e Pierre Paris⁵.

Reproduzo aqui do livro do Sr. Pierre Paris dois dos guerreiros: fig. 2.^a

¹ Vid. L. Floro, iv, 12; Orosio, vi, 21; Dion Cassio, lxxx, 25: textos já citados por Cortés y Lopez, *Dicc. de la España antigua*, III, 120-121, e Babelon, *Monnaies de la république*, I, 317, nota, a proposito da conquista de *Lancia Asturum*.

² *Geographia*, III, III, 3.

³ In *Gazette archéologique*, 1885, p. 4, est. II («Bandeaux d'or estampés d'époque archaïque»).—Este artigo só o conheço pelos extractos que d'elle fazem os Srs. Cartailhac e P. Paris nos logares citados infra.

⁴ *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris 1886, pp. 334-336, e est. IV.

⁵ *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive [et du Portugal primitif]*, t. II, Paris 1904, pp. 248-263, e est. IX.

Com quanto os mencionados autores comparassem estes monumentos com outros antigos, a nenhum d'elles occorreu a comparação dos guerreiros com os textos estraboniano e diodoriano que transcrevi acima, e com a moeda de P. Carisio. Ora eu creio que era da menção d'estes textos e da da moeda que se devia partir. Em verdade, nas figuras das laminas de ouro não se percebem capacetes, e os pennachos, feitos de plumas, como que saem directamente da cabeça pura e simples; tal facto porém resulta de imperfeição artistica, pois as figuras, quer ellas o sejam de deuses, quer, o que julgo mais natural, de homens, representam guerreiros, como se vê do escudo e das armas: e, já que os guerreiros estavam armados, é claro que tambem haviam de ter capacete na cabeça; mas o artista só esboçou o que era mais aparente, isto é, os pennachos. As plumas que o artista teve em mente delinear podiam ser pintadas, como dos pennachos lusitano-celtibericos diz Diodoro. No que toca ao escudo, dá-se a circumstancia de ser redondo (*clipeus*), e portanto igual ao das estatuas lusitanicas de que o proprio Sr. P. Paris publicou desenhos no t. I da sua bella obra, p. 64 sqq., e de que tambem se occupa n-*O Archeologo*, VIII, 1 sqq.

Assim se corròbora a ideia do Sr. Pierre Paris, de que o trabalho das folhas de ouro de Cáceres é indigena, pois na minha hypothese o artista, pelo menos com relação aos guerreiros, inspirou-se na ethnographia iberica.

J. L. DE V.

Noticias varias

1. Sessão archeologica da Camara Municipal de Gaia de 18 de janeiro de 1906

«Leram-se varios officios concernentes a assuntos municipaes, entre elles o do Sr. José de Sousa Barroso, abbade de Grijó, respondendo ao officio da Camara de 12 do corrente, que o cruzeiro denominado *Padrão Velho*, situado no logar do Curral, indica o sitio onde, ferido por D. Martinho Gil de Soverosa, falleceu um dos mais antigos fidalgos da sua epoca, D. Rodrigo Sanches, e cujas ossadas estão num sarcophago na capella-mor do mosteiro d'aquella freguesia. Era, segundo dizem, este D. Rodrigo Sanches filho de D. Sancho I, Rei de Portugal, e de D. Maria Paes Ribeiro. Devido, talvez, a questões amorosas teve uma contenda com o citado D. Marinho, á qual se seguiu um desafio, e, ferido na peleja, falleceu D. Rodrigo no sitio do *Padrão Velho*, a 2 de julho de 1245. Diz-se que, tanto o padrão como o sar-